



CASTELLO DE PAILLY — VISTA EXTERIOR.

Este castello, no departamento do alto Marne, edificado em 1553 pelo marechal conde Saulx de Tavannes, está situado a onze kilometros de Langres, um pouco para além da nascente do Marne, perto da estrada de Gray. Pailly é uma pequena aldéa a pouca distancia da de Chalaindré, uma das principaes do paiz.

Diz a tradição «que tendo perdido um de seus filhos, morto na campanha de Hollanda onde commandava, o marechal veiu a Pailly para se distrahir d'esta perda, construindo o castello e exercitando-se na caça.»

As Memorias sobre a vida do marechal de Tavannes, por seu filho mais velho Guilherme, retratam Pailly como uma casa de belleza e commodidade notaveis. Guilherme de Tavannes po-

deria acrescentar que esta habitação é nada menos que um grande e bello castello da melhor epoca da renascença; os ornatos harmonisam perfeitamente pela simplicidade e elegancia com o estylo da sua architectura ligeira e graciosa. Este antigo castello está muito bem conservado.

A fachada principal deita para o pateo e faz frente ao norte. Tem seis janellas de sacada, diante das quaes corre uma varanda que reúne o pavilhão d'entrada, situado a leste, a outro que jaz a oeste, onde ha uma escada ornada com gosto que conduz ao interior do castello. Ambos os pavilhões se erguem do mesmo modo nas extremidades da fachada e em volta sobre ella.

O pavilhão de leste é contiguo á antiga e respeitavel torre feudal dos Tavannes, que da-

JANEIRO, 16, 1858.

ta do seculo x. As suas dimensões fazem-na magestosa. Tem dezoito metros do lado do pateo no prolongamento do pavilhão, treze do lado que lhe está perpendicular, e vinte cinco de altura. As paredes são d'enorme grossura.

A torre contem apenas uma immensa sala ornada d'uma chamine gigantesca. Vêem-se ainda nas paredes d'esta sala algumas das pinturas a fresco de que era adornada. Os assumptos são todos mythologicos; ha apenas um que se conhece facilmente — o da metamorphose de Daphne em loireiro.

A fachada do pavilhão d'oeste, onde se acha a escada, é ornada d'um baixo-relevo, já mutilado, representando o marechal de Tavannes na sua mocidade, atravessando a cavallo um precipicio entre dois rochedos separados pelo intervalo de vinte cinco pés. Vêem-se ahi as casas de Fontainebleau, perto das quaes se passa a scena. Por baixo lê-se a divisa dos Tavannes: — *Quo fata trahunt.*

As armas da familia ornavam uma especie de medalha, que sobrepuja este pavilhão. Sobre o de leste ha uma plataforma quadrada, no meio da qual se via antigamente a estatua equestre do marechal, de que apenas resta a cabeça do cavallo guardada no pateo, junto a uma bonita torrinha que remata uma escada. Nada tão elegante e simples como o zimbório d'esta torrinha.

Ha uma torre perfeitamente semelhante detraz do pavilhão de oeste.

A historia do marechal de Tavannes é bem conhecida. Foi quasi um dos promotores da horrosa carnificina conhecida pelo nome de S. Bartholomeu; segundo Brantôme, elle gritava, n'esta occasião, correndo as ruas d'espada em punho: «Sangrae! sangrae! os medicos dizem que a sangria é tão boa em Agosto como em Maio.» E talvez permittido duvidar d'estas horriveis palavras. Muitos historiadores referem que o marechal se oppozera ao projecto que havia d'involver o rei de Navarra e o principe de Condé na carnificina da noite de S. Bartholomeu.

Existem Memorias do marechal, que seu filho Guilherme, logar-tenente do rei de França em Borgonha, publicou com aquellas que elle proprio escrevera. As mais estimadas, as que lançam mais luz sobre os acontecimentos multiplicados e muitas vezes mysteriosos da sua epoca pouco fertil em historiadores, são obra do segundo filho do marechal, conhecido pelo nome de Jacques de Tavannes, que foi tenente-general.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DE SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

Successores de Carlos o Calvo.

889—898. *Eudes*, com as melhores qualida-

des, não pôde remediar os males da França. Venceu muitas vezes os normandos, e não obstante foi constrangido a conceder-lhes condições favoraveis. Obrigou *Carlos o Simples* a contentar-se com os estados que uma facção, que o aclamara rei, tinha conquistado em seu nome. Emfim, depois de dez annos de reinado, morreu em Fère na Picardia, deixando a corôa a este mesmo Carlos o Simples que pudera espoliar.

899. Carlos III, muito digno do sobrenome de *Simples*; não era falta de coragem; mas não tinha prudencia nem genio; assim o seu reinado não apresenta senão revezes.

911. Os normandos estabeleceram-se emfim no reino. O duque *Rollon*, seu chefe, era digno de fundar um estado. Duas vezes vencedor em Inglaterra, arremecou-se sobre a França, tomou Rouen, e fortificou esta cidade. Depois, alargando as suas conquistas, tornou-se tão formidavel, que Carlos lhe offereceu sua filha, e o paiz a que mais tarde se chamou *Normandia*. Pediu somente a *Rollon* que se fizesse christão, e se reconhecesse seu vassallo. O principe normando consentiu, exigindo comtudo a Bretanha. Carlos negou-lh'a; *Rollon* insistiu e obteve-a. Um dos seus officiaes veiu em seu nome prestar homenagem ao rei; e, depois de ter-lhe beijado os pés, segundo o uso, na occasião de levantar-se, derrubou do throno o monarcha. Satisfizeram-se rindo d'esta insolencia. A fraqueza do reino não consentia que se punisse. *Rollon* tornou-se legislador, depois de ter sido conquistador: sob o seu reinado, não houve roubos nos seus dominios; e a *Normandia*, mudando de repente de face, estava tão florecente, como o reino desgraçado.

922. A raça de Carlos Magno desaparecia quasi toda: a Italia e o imperio passaram a outras casas. Carlos o Simples esqueceu os direitos do seu nascimento, ou não ousou sustentá-los. Incapaz de governar por si mesmo, este fraco monarcha nomeou um ministro, ou antes um senhor, que o vexava; chamava-se *Haganon*, e era homem de origem obscura, mas habil e corajoso. A nobreza não pôde mais aproximar-se do rei. O duque de Saxe ia vê-lo, e solicitou debalde esta graça. Offendido da repulsa, disse: «*De duas uma: ou Haganon será bem depressa rei com Carlos, ou Carlos será bem depressa simples gentilhomen como Haganon.*» A predicção verificou-se. Os nobres, indignados pela tyrannia do ministro, rebellaram-se contra Carlos. Roberto, irmão do ultimo rei Eudes, animou a sublevação, e foi coroado por Hervé, arcebispo de Reims. Tendo o usurpador sido morto em uma batalha, *Hugo o Grande*, seu filho, vingou-lhe a morte, e bateu Carlos o Simples. O rei, vencido, refugiou-se em casa de *Herberto*, conde de Vermandois, que, a pretexto de defendel-o, o encerrou no castello de Peronne.

924. Hugo recusou a corôa. Seu cunhado *Raul* ou *Rodolfo*, duque de Borgonha, accitou-a, e para chamar os grandes ao seu parti-

do, cedeu-lhes vastos dominios. O seu reinado, de doze annos e meio, foi uma serie de sedições e levantamentos; e ainda que corajoso, este principe em nada mudou a face dos negocios. Inutilmente quizeram restabelecer Carlos o Simples: o infeliz principe morreu, mercedor das desgraças de que foi victima, na sua prisão, em 929. O conde de Vermandois, que o atraçoara tão vilmente, viveu pungido de remorsos. «Fomos doze, exclamava elle muitas vezes, fomos doze que trahimos o rei!»

936. *Hugo o Grande*, conde de Paris, duque de França e de Borgonha, arbitro do throno havia muito tempo, podia apossar-se d'elle. Deu-o a Luiz IV, filho de Carlos o Simples, cognominado o *Ultramarino*, porque sua mãe o levava para Inglaterra no tempo das desordens. O joven rei quiz reinar independente; o imperador Othon declarou-se por elle, e os rebeldes entraram nos seus deveres.

940—954. Luiz quiz invadir a Normandia, de accordo com Hugo, e prometteu-lhe dividir com elle a conquista. Mas faltando ás suas promessas, ateou-se a guerra entre os subditos e o monarcha, e não cessou senão por mediação do imperador Othon. Luiz não gosou da paz muito tempo: morreu d'uma queda de cavallo. Grande principe a muitos respeito, não desconfiava bastante dos homens, e, por consequencia, era muitas vezes enganado.

955. Luiz tivera a precaução de associar ao diadema *Lothario*, seu filho mais velho. Hugo deixou-lh'o cingir, protegeu o joven principe, e reinou em seu nome; mas morreu em 956, deixando os seus dominios e autoridade a *Hugo Capeto*, seu filho.

974. *Lothario* tinha qualidades mais que mediocres; mas eram necessarias as sublimes, que não possuia. Quiz reunir a Lorraine á sua corôa. Triumphou de todas as forças do imperador Othon II, mas, incapaz de aproveitar a victoria, cedeu ao vencido esta bella provincia, com a condição de lhe prestar homenagem. *Lothario* tinha sabido reconciliar os nobres, e recuperar grande parte d'autoridade; formava talvez os maiores projectos, quando morreu, em 986, na idade de quarenta e cinco annos, pouco mais ou menos. Foi digno de elogios pelo seu valor, actividade e vigilancia; pouco exacto porém no cumprimento da sua palavra.

987. Succedeu-lhe Luiz V, seu filho, que só reinou um anno. Appellidaram-no o *Preguiçoso*, porque a curta duração do seu poder não lhe deu tempo de o illustrar; nenhum epitheto foi nunca mais improprio de um principe: inquieto e turbulento, mostrou bastante valor; e quem sabe o uso que d'elle teria feito? Com este monarcha expirou a raça dos reis Carlovingianos, que reinaram duzentos e trinta e seis annos. Depois da morte de Luiz V, o reino pertencia de direito a *Carlos*, seu tio, duque de Lorraine, e filho de Luiz o *Ultramarino*; mas, tendo-se tornado odioso aos francezes, *Hugo Capeto*, o mais poderoso fidalgo

de França, foi collocado no throno de Clovis e de Carlos Magno, e veio a ser o chefe da raça dos reis chamados *Capetos*.

Cinco principaes causas contribuíram a abater os filhos de Carlos Magno. A primeira foi a divisão do todo do estado em muitos reinos, de que se seguiu uma fonte perenne de discordias e guerras civis. Segunda, a excessiva predilecção de Luiz o Bondoso por seu filho Carlos o Calvo. Terceira, a fraqueza da maior parte dos reis seus successores: apenas se contam cinco ou seis que tivessem simultaneamente bom senso e coragem. Quarta, as devastações dos normandos, que assolaram a França por mais d'um seculo, e favoreceram as rebelliões dos senhores. A ultima, finalmente, o grande numero de filhos naturaes que teve Carlos Magno, os quaes queriam ser soberanos nos seus apanagios, sem reconhecerem nenhum.

Continua.

A ASSOADA DAS CABELLEIRAS.

A que ponto o interesse pessoal pode obliterar em nós as noções de justiça, e fazer-nos desconhecer os direitos do proximo! Tanto os factos quotidianos da vida, como os da historia, provam esta verdade. Eis uma nova prova, mas do genero faceto.

No anno 1764, um capricho da moda fez abandonar em Inglaterra o incommodo e despendioso uso das cabelleiras, e cada um se contentou com o cabello que tinha. Esta mudança de moda roubou o trabalho aos cabelleiros, classe numerosa, lançando-os na miseria.

Durante algum tempo, a cidade e o campo resoaram com os seus gritos: proclamavam a necessidade de se cortarem os cabellos e usar-se cabelleiras. Achando o publico recalcitrante sobre este ponto, tiveram a idea de fazer intervir em seu favor o poder legislativo, para que os homens trouxessem cabelleira da parte da lei, do rei, e da justiça.

Foi pois redigida uma petição, e levada a sua magestade o rei George III, ao palacio de S. James. Vendo-os marchar em procissão para o palacio, o povo notou que a maior parte d'estes homens que queriam infligir cabelleiras aos seus concidadãos, não as usava. Esta inconsequencia tornou mais admiravel ainda o arbitrario de suas pretensões, e o povo, agarrando os peticionarios, cortou-lhes o cabello a todos e á força.

Horacio Walpole, em uma carta ao conde de Hertford, diz, a proposito d'esta divertida petição: «Não me admiraria que os carpinteiros tivessem tambem a idea de requerer contra a paz, como pernicioso ao seu officio; porque depois que foi concluida, não se lhes procuram pernas de pau.»

A propriedade, justamente adquirida, é um direito, e não um roubo.

O VIDRO QUEBRADO.

Um menino que frequentava a escola da aldeia quebrara sem querer um vidro de uma das janellas. Ninguem o notara ainda: mas o menino tremia de medo cada vez que lhe dirigiam a palavra. Um domingo, o cura da freguezia examinou de cathecismo e dirigiu perguntas a alguns meninos, entre os quaes se achava o pobre culpado. Ao chegar a elle o cura perguntou:

— Quem fez o ceo e a terra?

Preoccupado o menino com a lembrança do vidro quebrado, como sempre, respondeu tremendo:

— Não fui eu... senhor cura...

— Como?... não foste tu?

— Pois bem... sim senhor... fui eu... mas não o tornarei a fazer.

DA INDEPENDENCIA DO BRASIL.

I

Longe vae de nos a epoca em que este acto teve lugar; e sendo ja, como é, facto consummado, poderemos hoje desasombradamente encarar este acontecimento com a placidez de um espirito despreoccupado. Agora que um bem entendido zelo faz investigar nos nossos archivos os documentos necessarios a historia d'aquelle novo imperio, tambem nos parece que não irão desarrasoadas aqui estas reflexões, que os nossos irmãos transatlanticos tomarão em devida conta quando na sua historia, a que estão lançando os fundamentos, chegarem a quadra de que ora nos vamos occupar.

Para o impulso da desmembração do Brazil foi de certo um grande passo a retirada da familia real portugueza para o continente americano. O systema colonial, tão restricto como era então, não poderia subsistir onde residia a côrte, por isso mesmo que as relações com a metropole estavam interrompidas pelas mesmas causas que levaram a casa de Bragança a refugiar-se nos seus estados transatlanticos. Ainda quando tal successo se não desse, havia n'aquelle hemispherio um agente activissimo que tinha de operar a transformação. Este agente era a independencia das Americas inglezas, e a sublevação das hespanholas, que estavam aguçando os desejos dos homens mais reflectidos que viviam sob o regimen colonial.

Dar, portanto, vida a um corpo que tinha órgãos e membros capazes de desempenhar todas as funções; animal-o de nobres sentimentos de independencia: favorecer-lhe os intentos ajudando-lhe os primeiros passos para se não precipitar, era um grande acto de energia politica, e foi um sabio conselho. Posto elle em pratica, succedeu exactamente o que não podia deixar de acontecer: o Brazil recuperou a sua liberdade sem extraordinarias convulsões, firmou sobre si

a sua independencia sem carecer da associação a que outras partes da America tiveram de recorrer; e a colonia ficou sendo pertença da familia reinante, cuja tórra brilhante joia no seu diadema real.

Tanto isto estava no animo de todos que tinham nascido n'aquelle parte da America, que apenas a Bahia chegou a noticia, por um vaso que avançara a esquadra, de que a familia real portugueza se acolhia ao Brazil, foi immenso o prazer dos seus habitantes. A cidade de S. Salvador offereceu edificar a expensas suas um palacio para ahí se fixar sua residencia. Assim a antiga metropole do archipelago soteropolitano, ostentoso na pompa de sua luxuosa vegetação, com um ceo rutilante das mais esplendidas constellações austraes, com uma bahia capaz de dar ancoradouro a immensa marinha real e mercante, com uma excessiva copia de enseadas, abras, e rios navegaveis, confiou um momento inclinar a favor da sua residencia ali o animo das pessoas reaes, e para o incitar a taes desejos não foi parca em promessas que os desejos faziam de facil realisação. Havia-se porém decidido em Lisboa, n'um conselho de estado antes da frota largar do Tejo, que a sede da côrte se estabelecesse no Rio de Janeiro, e a esquadra para ali seguiu de vela, não sem comtudo deixar o regio animo assignalada a sua passagem pela Bahia, com um d'esses actos que honram sempre o poder d'onde dimanam, e que foi o primeiro diploma de alforria para a escravizada colonia. Fallamos da carta regia que abriu aquellos portos ao commercio estrangeiro.

Era o primeiro golpe dado no systema colonial, e a primeira mão protectora que se estendia aos desvalidos, ate ali forçados aos unicos mestres de mineiros e agricultores. Para avallar o alcance d'este acto politico bastará considerar que ate ali eram-lhes como interdictas as artes, e que o estimulo, que o commercio livre devia suscitar, nova era abriri na industria d'aquellas ignaras regiões. Então começaram as classes de habitantes do Brazil a ver e desfructar os bens da natureza, e a arte de todos os estados nos seus diferentes graus de civilisação; e as diversas nações da Europa, pela derogação da reserva dos artigos commerciaes estrangeiros, economisando tempo, trabalho, despendio e riscos do tracto clandestino, iam levar aquellas fructiferas e riquissimas plagas os elementos civilisadores da felicidade das nações.

F. D. O'ALMEIDA E ARAUJO.

A liberdade da imprensa e o defensor da innocencia; o compressor dos desmandos; o correctivo das demasias; o espectro da concussão; o phantasma do arbitrio; o pesadello da tyrannia; o sustentaculo da liberdade; mas tambem o seu abuso é o canal da mentira; o oppressor da probidade; o vehiculo da calumnia; o algoz da honra.



CASTELLO DE PAILLY — VISTA INTERIOR.

A PROVIDENCIA.

Assim como a mãe contempla seus filhos com piedosa ternura, e se abraça d'amor por elles; beija um, une outro ao seio, sustem este e aquelle;

E, comprehendendo-lhe as acções, os suspiros, o aspecto, os desejos tão numerosos e diversos que os agitam, concede a um um olhar, a outro uma palavra, e, ou sorria, ou se enfade, e sempre branda e affavel:

Do mesmo modo vela sobre nos a suprema e infinita Providencia. Consola estes, provê as necessidades d'aquelles, escuta todos, e a todos presta soccorro;

E se algumas vezes uega favor ou recompen-

sa; ou recusa somente para obrigar a fazer-se-lhe a supplica, ou finge recusar, e, recusando, concede.

A sciencia, quando perseguida pela barbaridade dos seculos, asyloou-se nos claustros, e na egreja: quando obteve foros de liberdade, foi perseguida pela superstição, e fanatismo.

Ha pessoas, que, na prosperidade, tratam com pouco respeito a religião; mas, mal lhes assoma a desgraça, desfazem-se em orações a Deus, e promessas aos santos.

A ELLA.

Vôa, vôa, pensamento.
 Vae-lhe ao ouvido murmurar.
 O que a minh'alma saudosa
 Sofre por tão longe estar
 Da ternura que lhe falta;
 Diz que o prazer não me esmalta
 A pobre da inspiração,
 Pois que d'ella separado
 Vive entre a turba isolado
 Meu captivo coração!

Diz como eu hoje me lembro
 Das horas da intimidade
 De tanto amor estrelladas,
 Que me dão tanta saudade!
 Ai! breves meigos instantes.
 Em que as almas palpitantes
 Nem sabem dizer — amor!...
 Porque a suprema ventura
 Não tem phrases co'a ternura,
 Que lhe traduza o valor.

Vae dizer-lhe pensamento,
 Com que effluvios de paixão.
 Estas ausencias deplora
 O extremoso coração.
 Vae dizer com que impaciencia
 Para findar tal ausencia,
 Chamo o dia d'amanhã!
 Diz-lhe tu, discretamente,
 Que só ella est'alma ardente,
 Lembra a par de minh'irmã!

AMOR E SAUDADE.

Lembras-te, Emilia, d'essa vez primeira,
 Que estranha sendo junto a ti cheguei?
 Que transe aquelle de agonia immensa!...
 Ao ver-te, Emilia, por te ver chorei!

É que eu media todo inteiro o golpe,
 Que estavas prestes a soffrer de Deus;
 Ai! tu choravas porque vias prantos
 Mais do que a magoa que enluctava os teus.

Não vias inda que infinita perda,
 Era, ó querida, a do materno amor;
 Não vias inda que orphandade e luctos,
 Na morte o arbusto te legava, ó flor!

Na quadra bella d'essa curta idade,
 Tudo se ignora, tudo é bello então;
 Chora-se, e os prantos, como o fresco orvalho,
 A flor que inundam mais belleza dão.

Nem se adivinha na innocencia d'ella,
 As muitas phases que esta vida tem,
 Que d'hoje as galas, amanhã são luctos,
 Que o mal nos surge d'entre o proprio bem.

Por ti soffria calculando a angustia,
 Que, pobre anjinho, tu devias ter,
 Quando saudosa tua mãe sem vida,
 Chamasses, filha, sem podel-a ver!

Soffria d'alma por te ver privada
 Tão cedo ainda d'esse amor sem par,
 Que Deus inspira, que sómente ensina
 As mães na terra para um ceo nos dar.

Chegando ao leito de um cadaver quasi,
 Eu vi — que scena de tristeza e dô!... —
 Veloz correndo no stertor convulso,
 Chegar a morte e reduzir a pó,

Os mil affectos e os extremos todos
 D'uma familia que ficava ali,
 Gemendo triste na orphandade immersa...
 Depois sem vida tua mãe eu vi!

Jurei, bem sabes, sobre a campa aberta,
 Da que fugira d'este mundo vão,
 De mãe servir-te desde aquelle instante,
 Cumprindo a risca a maternal missão!

Quinhoei contigo o que a meus filhos dava
 N'alma entre elles um logar te dei;
 Foste crescendo, e o meu amor contigo,
 E que o merecias tu provaste — sei!

Depois o acaso separou-te, filha,
 D'esta familia que te vi crescer;
 Para longe foste, mas levaste os votos,
 Que a Deus fazemos por feliz te ver.

Sei que te rasgo n'estas phrases intimas
 A dôr eterna que se expande em ais;
 Porque as feridas pela morte abertas
 Eternas sangram sem fechar jámais.

Perdoa, filha, quiz dizer-te apenas,
 Lembrando a crise d'uma dôr pungente,
 Que o amor que teve no sepulchro a origem,
 Deve na campa resfriar sómente!

Acceita, Emilia, da saudade as flores,
 Que te revelam maternal transporte.
 Filha, ai! filha, não nos percas nunca,
 O santo affecto que brotou da morte!

1856.

MENDES LEAL (ANTONIO).

VINGANÇA POR VINGANÇA.

VII

DECLARAÇÕES.

Continuação.

«N'aquelle momento de maiores provas de
 ternura, atravessei rapido por entre as gentes

da justiça, auxiliado na minha tentativa por um agente meu conhecido, e que me prevenira do caso. Achei-me de improviso no meio da scena que acabei de descrever, e agarrando no braço de Affonso, que assim se chamava o esposo de Beatriz, o conduzi para junto da adufa, e mostrando-lhe os vultos que se iam collocando em redor da casa, assim lhe disse:

— Esses vultos são os homens da justiça que vem prender-vos, pois delataram-lhe o vosso asylo!... Salvae-vos.

— E Beatriz? e meus filhos? replicou.

— A Providencia se encarregara d'elles, lhe respondi. Tende coragem: dentro em pouco não será tempo. Pelo ceo, por vossos filhos, por vossa esposa, salvae-vos.

— Sim, exclamou Beatriz saltando fora do leito, e revestindo-se d'aquella energia que as mulheres sabem tomar nas occasiões de perigo; por amor de nós todos, fugi!

— Para onde? interrogou Affonso. Evadir-me é já impossivel.

— Meu Deus! exclamou Beatriz desmaiando.

E eu travei do braço de Affonso, e o conduzi a casa de jantar, cuja janella pegava com o baixo muro de uma horta que elevava até quasi ao telhado, a meia altura de homem, uma formosissima parreira. — Trepae ali com vigor, lhe disse, e subido ao telhado segui a direcção que vos indico, porque a fuga pelas hortas quasi que vos está interdita, pois lá se vão postar tambem os homens da justiça. Alem, a sexta janella que tem a adufa levantada, é a casa de uma piedosa senhora, a quem já preveni. Introduzi-vos sem receio na sua habitação. Lá sabeis o mais que tendes que fazer... Apressae-vos.

— Como mostrar-me reconhecido?

— Praticando assim com aquelles que algum dia encontrardes em similhante posição.

— Porem Beatriz e meus filhos?

— Já vos disse que o ceo os protegerá.

— Sim... o ceo!... A elle e a vós confio o que tenho de mais caro sobre a terra.

«E assim fallando, dirigiu-se alternativamente á cama e ao leito, onde os innocentes dormitavam, descuidados do mundo que não comprehendiam ainda, e bem longe das intrigas e das paixões dos homens a que eram estranhos. Beijou-os uma e mil vezes. Lagrimas derramavam seus olhos. Beatriz estava desmaiada. Não pôde dizer-lhe um adeus, que só o Omnipotente sabia se porventura eterno... Apertou-a de encontro a seu coração. Aquella separação era horrivel!... Eu tambem chorava.

— Vigiae por ella, disse voltando-se para mim, e juntando as mãos como quem rogava ao Todo-Poderoso. O vosso nome? accrescentou depois de uma pequena pausa.

— Sabel-o-heis algum dia se nos encontrarmos sobre a terra.

— Pelo menos a certeza de que tambem sois pelo partido de Castella.

— Não. Sou portuguez, e tanto basta para le-

vantar voz por D. João IV; mas por isso que tenho tambem um partido, e elle triumpho, não sou o algoz dos meus adversarios... Escutae que a vozeria cresce na rua. Não se perca tempo.

— Deus vos recompense.

«E ajudado por mim trepou o muro da horta, suspendeu-se á parreira, e subindo ao telhado seguiu o caminho que lhe indiquei. Passados alguns instantes achava-se dentro da adufa, e a cerrou. Voltei para junto de Beatriz que ainda continuava desmaiada. Meu Deus! disse eu contemplando a infeliz, e prestando-lhe os soccorros que sua critica posição exigia; destes-me força para triumphar das paixões do mundo... desvendastes os olhos que a illusão fascinava... mostrastes-me o caminho da virtude e caridade evangelica... comprehendí o dever da minha missão sobre a terra, e a religião enxugou o pranto que o mais delirante amor me fazia derramar... Piedade, Senhor! não retireis de sobre mim os olhos da vossa misericordia!...

«Beatriz tornava a si. — Affonso! foi a primeira palavra que proferiu.

— Agradecei a Deus, elle esta salvo.

«E dirigindo-me á parteira, que até ali fôra muda testemunha d'aquella scena:

— Silencio e discrição, lhe disse, entregando-lhe uma bolsa. A quem quer que seja nunca falteis de Affonso... Esta mulher, e estes filhos são meus... Comprehendeis-me?

— Mui bem.

— E quanto basta.

«Voltando-me para Beatriz: — Componde o rosto, senhora; aquelle leito é agora o vosso logar. Não opponhaes resistencia ás minhas ordens... n'isto vae a salvação de Affonso.

«E ajudada por mim, e por Susanna, que assim se chamava a parteira, ella se encaminhou para o leito. Nem uma palavra mais tinham proferido os seus labios, porem o rosto bem trahia os combates que lhe pelejavam no coração. Dos olhos manavam-lhe ardentes lagrimas, que se transformavam em cristalinos globulos ao deslisarem-se-lhe pelas faces, e os compridos cabellos, fluctuando-lhe ao desalinho em bastos aneis, faziam-na similhante a estatua da dor... Repentinamente um sobresalto espantoso a fez estremecer: descobriu no meu rosto, allumiado pela claridade das velas que então me dava de chapa, certos indicios de feições que lhe não eram desconhecidas.

— Piedade! exclamou caindo ajoelhada aos meus pés.

— Beatriz, levantae-vos.

— Piedade para Affonso!

— Acabo de salvá-lo, tranquillisae-vos.

— Não: completastes a mais horrivel vingança!... sobre mim somente devia cair o castigo, e elle comprehendeu o innocente pae de meus filhos! Enganastes-nos com a mascara da virtude!... ah!... perdido para sempre!

«E não teve forças para continuar; seus movimentos foram a pouco e pouco cessando: ser-

raram-se-lhe os olhos; as faces tornaram-se-lhe lividas!... Estava morta!»

Continua.

UMA CIDADE DESCONHECIDA.

De tarde, tomámos terra em El-Oudéjh. Fomos recebidos ao desembarque por alguns soldados turcos de guarnição n'este logar perdido, e um dos quaes, agradável surpresa! fallava francez. Elle dizia-se de Constantina, e não era talvez mais do que um desertor do nosso exercito. Desertor ou não, mostrou-se muito solícito e obsequioso, e fez-nos toda a especie de serviços. Eu passei a noite com elle, tomando cante, e rodeado dos indigenas, cuja curiosidade, sem ser alias muito importante, era de certo muito desculpavel. Um europeu é coisa rara n'estas regiões. Informados da nossa chegada, os beduinos da vizinhança, arabes da tribu dos Bili, trouxeram-nos viveres de toda a especie, ovos, carneiros, leite, peixe, e pão, de maneira que nos foi facil refrescar as nossas provisões de viagem. O tempo estava encantador: o mar, inteiramente socegado, vinha morrer na praia, e bandos de aves marinhas esvoaçavam a superficie das aguas.

Esta povoação serve de porto a um castello do mesmo nome situado a duas ou tres leguas para o interior, no caminho que segue a grande caravana do Cairo a Meka. Muito mais ao norte, na distancia de cinco ou seis dias de marcha, é quatorze d'Akaba, no caminho d'outra caravana, a de Damasco, acham-se, se se acreditarem as informações locais, ruínas muito extraordinarias. O logar chama-se Medain-Salih (cidade do propheta Salih). As habitações que ainda ahí se vêem, em numero de oitenta a noventa, são talhadas e excavadas na rocha, compostas quasi todas d'uma grande sala, alguns quartos mais pequenos, e uma especie de capella. Sobre as portas da maior parte estão gravadas aguias; mas os peregrinos, de passagem, teem mutilado todas as que lhes ficam ao alcance: poucas estão intactas. A parte dos rochedos que serve de paredes a estas casas singulares contem inscrições que ninguem explicou nunca, nem mesmo alcançou por causa da altura: ignora-se até o idioma em que são escriptas. Ha muitos poços n'este sitio, mas a agua amarga, e o proprio ar passa por ser empestado. Os musulmanos consideram este ponto d'Arabia como amaldiçoado depois da desobediencia d'um camello tradicional domesticado pelo propheta Salih. A caravana da Syria, obrigada a atravessar duas vezes por anno este logar maldito, perde n'elle de cada vez muitos dos seus peregrinos, e principalmente aquelles que teem em si algum principio morbido.

Qual é pois esta cidade desconhecida, occulta no centro do deserto? Quem a edificou? quem a habitou? quem a destruiu? A sua existencia e problema, e o seu fim profundo mysterio; o silencio paira sobre o seu passado como sobre as suas ruínas. Eu não fiz senão repetir acerca d'ella o que me foi contado, porque nada, que eu saiba, tem sido escripto a seu respeito. Dando ao leitor as noticias que chegaram ao meu conhecimento, peço-lhe que as não receba senão a beneficio d'inventario, como eu proprio as recebi. Alcancei-as do pachá das cidades santas, que me affirmou ter visto as coisas com os seus olhos, o que não é, convenho, garantia de veracidade, e ainda menos d'exactidão. Nada é mais difficil, no Oriente, do que obter, não importa de quem, nem sobre o que, informações embora pouco positivas; o espirito de critica e duvida deve presidir, antes de as registrar, ás asserções mais affirmativas. Esta difficuldade é a mesma nas coisas mais simples: assim, por exemplo, desafio-vos para saberdes exactamente d'um arabe a distancia d'um logar a outro. Cada vez que eu dirigia ao chefe uma pergunta d'este genero, elle exclamava, em resposta: — Deus está com os que soffrem. (*)

(*) Extractado da interessante obra de mr. Carlos Didier intitulada *Sejour chez le grand chef de la Mekke*.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 reis.

Publicou-se o 3.º volume da *ENEIDA* de Virgilio, por Barreto Feio — preço 1:000 reis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros, *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 reis.

ALMANAK DO POVO.

Como prova de esmero artistico na typographia, e como elegante adorno de gabinete, recommendamos o *Almanak do povo* para o presente anno. O seu diminuto preço de 40 reis, excita o desejo de o comprar.

Impresso a côres, em excellente papel, e typographia, o *Almanak do povo* contém tudo que o curioso pode desejar.

É um tentamen que honra o senhor Desiderio Marques Leão, seu proprietario, pela concepção, e os senhores Lallemant pela execução artistica.

Suas Magestades, a quem foram offerecidos alguns exemplares, dignaram-se significar a sua real estima por um trabalho que comprova o progresso dos nossos artistas.